

UM OLHAR CRÍTICO SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES AFRO-INDÍGENA- BRASILEIRAS ÀS CIDADES E AOS TERRITÓRIOS (SESSÃO LIVRE)

Organizador

Murad Jorge Mussi Vaz

UTFPR muradvaz@utfpr.edu.br

Resumo geral: A Sessão Livre reúne um conjunto de pesquisadoras e pesquisadores do grupo de pesquisa ¡DALE! (Decolonizar a América Latina e seus Espaços), oriundas/os de diferentes instituições e duas regiões do país — Universidade Tecnológica Federal do Paraná e Universidade da Integração Latino-Americana (PR), Universidade Federal da Bahia e Universidade do Estado da Bahia (BA) —, que trazem ao debate reflexões radicais à compreensão sobre territórios, espaços e cidades no Brasil. Partimos da reflexão de Conceição Evaristo: “Eles combinaram de nos matar, a gente combinamos de não morrer” — para discutir o epistemicídio (Carneiro, 2005), que historicamente corroborou para uma narrativa hegemônica de embranquecimento de nossos territórios, espaços e cidades, que resultou tanto na periferização da maior parte da população preta e parda brasileira quanto no não reconhecimento de inúmeros territórios indígenas, quilombolas e do Povo de Santo. Ao seguir tal abordagem, convidamos à reflexão sobre a influência afro-indígena-brasileira no conceber e no desenhar espaços e territórios, nos modos de vida urbana e rural, que têm persistido, através de resistências e insurgências, a despeito de toda estrutura imposta pela modernidade-colonialidade (Veríssimo; Pena; Vaz, 2023).

Cada uma das comunicações aqui reunidas traz uma perspectiva diversa, transversalizada pela herança afro-indígena-brasileira que persiste e constitui os territórios e as cidades. Essa discussão alcança contornos teóricos, metodológicos e epistemológicos, constituindo-se numa busca pela construção de teorias amparadas em contextos que, historicamente, não são temas incluídos nem da práxis nem da teoria arquitetônico-urbanística.

A primeira fala tem como ponto de partida de estudos anteriores e trocas com comunidades Candomblé e Ava Guarani no Paraná, vislumbramos a conformação sentipensante de territórios que ocorre através de um “paisagismo afro-guarani” liderado por humanos, não-

humanos e divindades que no processo de resistência e luta para superar a opressão sistêmica racista, patriarcal e capitalista abrem caminhos para um futuro pluriversal.

A segunda comunicação engaja-se na descrição preliminar de projeto de pesquisa orientado a superar as lacunas identificadas no giro decolonial, como sua desatenção às dinâmicas afro-latino-americanas, sua adesão restritiva a cosmologias andinas e sua desatenção a dimensões espaciais (inclusive as arquitetônico-urbanístico-paisagísticas). Para isso, esboça possibilidades de comparação entre o Brasil e o México, mais especificamente, entre suas arquiteturas e cidades amefricanas — tendo o conceito de Lélia Gonzalez como referência para os legados afrodiaspóricos no ambiente construído

Na sequência, a Sessão discute as contradições que envolvem o lugar do negro na cidade de Salvador, capital mais negra do país. Para tanto, analisa-se a utilização da negritude e da herança afro-brasileira para criar a marca Salvador Capital Afro. Focando no turismo e na cultura, a imagem de cidade criada pelo referido projeto escamoteia as adversidades impostas pelo racismo à população negra.

A Sessão também traz como contribuição à compreensão de categorias e marcadores sociais que nem sempre são considerados para a compreensão da conformação sócio-histórico-cultural-espacial das cidades brasileiras. Assim, a Umbanda em Salvador surge como uma chave de leitura para a constituição de territórios e espacialidades que conformam a cidade, suas relações culturais e sua materialidade.

A última comunicação, que trata das contribuições afro-brasileiras à capital paranaense, remete ao processo de embranquecimento que corroborou com a narrativa da “capital europeia” do Brasil, apresentando uma “Curitiba outra” com espacialidades, territórios e arquiteturas que não costumam ser tratadas no ensino e nas narrativas oficiais. Desnuda, assim, um processo histórico de invisibilização das populações pretas e pardas e restringiu o reconhecimento de referenciais e espacialidades afro-curitibanas.

Destarte, a sessão busca contribuir com o tensionamento das teorias e práticas hegemônicas da modernidade que balizam o pensar e o intervir urbanístico, arquitetônico e espacial ainda que este seja um campo aberto que enfrenta suas próprias contradições e idiosincrasias.

PAISAGISMO AFRO-GUARANI: JARDINS SENTIPENSANTES ABRINDO CAMINHOS

Céline Veríssimo

Universidade Federal da Integração Latino-Americana | celine.verissimo@unila.edu.br

Resultados de pesquisas anteriores sobre “Paisagismos do Sul” (Veríssimo, Cunha, Aymara, 2021) e “Paisagismos dos Orixás” (Veríssimo, Santos, 2022) evocam o “bem viver” e demonstram que a prática auto-organizada de formas “outras” de paisagismo a partir do espaço exterior doméstico impulsiona a luta histórica dos povos originários e afrodescendentes pela sobrevivência, soberania e prosperidade comunitária com a Natureza,

face a marginalização e as violências da Modernidade na América Latina, desde a invasão europeia no século XVI, entrelaçando a vida humana, a não-humana e divindades. Da mesma forma como em Moçambique, há a noção de “casa-aldeia” (Veríssimo, 2016), para ambos o Povo de Santo e o Povo Guarani, no contexto brasileiro, a noção de moradia coletiva é mantida, do ponto de vista da vida em comunidade com a natureza, mas principalmente, no que se refere ao culto das divindades chamadas de *caboclos*, os espíritos afro-indígena-brasileiros que proclamam os terreiros, assim como o espírito divino *nhanderu* é proclamado nas *tekohá* Guarani. A partir dos estudos de caso na comunidade Guarani Tekohã Itamarã em Diamante do Oeste e no Povo-de-Santo do Ilê Asé Ojú Ogum Fúnmilaiyó em Foz do Iguaçu, ambas no Paraná, as práticas paisagísticas convergem empoderamento comunitário no território, e garantir a subsistência, a soberania alimentar e sagrada indissociáveis da manutenção da Natureza, subjacentes a relações não alienantes entre os seres humanos, seres não-humanos e divindades enquanto expressões sentipensantes (Fals Borba, 2015).

Sugere-se, portanto, que, aquilo que denominamos preliminarmente como “paisagismo afro-guarani”: (1) combina a religiosidade e a vida doméstica, no espaço do terreiro e da aldeia, materializando as condições no mundo real que permitem exercer a ancestralidade e alargar o horizonte de possibilidades de operar face a externalidades adversas (resistência e luta); (2) ao privilegiar no território o exercício da força interior (espírito-corpo), em vez da exterior (matéria-corpo), intensifica-se a capacidade e a vontade na luta e em tecer cenários mais auspiciosos; e (3) confere a copresença e a pluralidade de mundos, através da articulação e da solidariedade entre lutas contra a modernidade-colonialidade racista, patriarcal e capitalista, nesse processo supera-se, desenvolvendo a capacidade de abrir caminhos na direção de “um mundo onde caibam outros mundos” (EZLN-CCRI, 2005).

POR UMA ABORDAGEM DECOLONIAL DE CIDADES E ARQUITETURAS AMEFRICANAS: BRASIL E MÉXICO

Leo Name

Universidade Federal da Bahia | leonardo.name@ufba.br

O giro decolonial, por um lado, dá continuidade a debates críticos latino-americanos e caribenhos, como a teoria da dependência, a pedagogia do oprimido, a teologia da libertação e até mesmo o regionalismo crítico em arquitetura. Por outro, dialoga com abordagens anticoloniais, pós-coloniais e subalternas, a ecologia política, os feminismos não brancos e os debates sobre os conhecimentos do Sul. Sua singularidade reside em organizar debates díspares, mas convergentes, em torno do conceito de “colonialidade,” definido por Aníbal Quijano (2000) como uma ordem hierárquica baseada na ideia de “raça,” sustentada pelo eurocentrismo. Essa lógica organiza tempos, culturas e povos em um metarrelato que apresenta a sociedade branco-burguesa como ápice. Em outras palavras, a “raça” é uma invenção que está no cerne da operacionalização de hierarquias e violências, tornando indispensável sua consideração na abordagem decolonial, de modo a dissecar o postulado,

central no capitalismo moderno-colonial — e, sem dúvida, presente no pensamento sobre cidades e arquiteturas —, de que quão mais distinto da branquitude, mais inferior e primitivo.

Os escritos desta abordagem, porém, são pouco atentos às dimensões espaciais das colonialidades e, sobretudo, de suas manifestações e imanências nas cidades, suas paisagens e arquiteturas. Reflexões decoloniais, além de generalizar processos do colonialismo espanhol, ignorando especificidades do colonialismo português, privilegiam cosmologias indígenas, especialmente andinas, em detrimento das dinâmicas afrodiaspóricas e de grupos negros — tão evidentes em países como Colômbia, Cuba, República Dominicana, Venezuela e, por óbvio, o Brasil; e sob crescente investigação em países como o México, onde geohistoricamente se denegou a presença de matrizes africanas em sua constituição cultural e territorial (Name, 2021; Name, Spyer, 2023; Velazquez; Iturralde Nieto, 2012).

Nessa direção, visando a um esboço inicial de pesquisa orientada à comparação entre arquiteturas e cidades do Brasil e do México, pretende-se a realocação da epistemologia decolonial a partir da amefricanidade (Gonzalez, [1988] 2020), nestes territórios, pensada em diálogo e em revisão dos fundamentos da arquitetura, do urbanismo e do planejamento territorial.

SALVADOR CAPITAL AFRO: CAPITAL RACIAL E IMAGEM DA CIDADE

João Soares Pena

UNEB | joaopena@uneb.br

Salvador é muito conhecida por sua herança afro-brasileira, por suas conexões com o continente africano, seja na religiosidade, na culinária, nas manifestações culturais, etc. É berço de importantes artistas e atrai muitos turistas do país e do exterior interessados em conhecer também aquilo que é descrito pela literatura. De acordo com os dados do Censo do IBGE de 2022, 83% da população soteropolitana se autodeclara negra, sendo a capital com maior percentual de pessoas negras do país. Evidenciando como o racismo é uma tecnologia sofisticada, apesar de maioria, a população negra está relegada à periferia e áreas com ausência ou precariedade de infraestrutura urbana, aos rendimentos mais baixos, amargando a negligência do Estado que pouco ou nada faz para dirimir as desigualdades sociais e urbanas. A despeito disso, a negritude tem sido mobilizada como elemento central na construção de uma imagem de Salvador no mercado turístico internacional. Em 2011 Salvador foi reconhecida como a Capital Negra da América Latina e nos últimos anos a Prefeitura Municipal criou a marca “Salvador Capital Afro”, que é também um programa focado na economia criativa para celebrar a cultura afro-diaspórica de Salvador, especialmente no mês de novembro. Considerando a gritante desigualdade social e urbana que caracteriza Salvador, aponto a “celebração” da cultura afro-brasileira como estratégia econômica e de marketing urbano que, efetivamente, não dialoga com a conjuntura de adversidades imposta pelo racismo em que vive boa parte da população negra da cidade.

A UMBANDA EM SALVADOR-BA

Mayara Mychella Sena Araújo

UFBA mmaraujo1@ufba.br

No caso de Salvador, pode-se dizer que há uma heterogeneidade cultural que envolve a constituição dos cultos religiosos, especialmente aqueles de matriz afro-brasileira, como a Umbanda. Caracterizada pela liberdade de culto, por integrar a cultura brasileira e resistir, a despeito das adversidades, celebrando a diversidade, com forte apelo ao cuidado e à preservação da natureza. Sua prática vai além dos limites do terreiro, e seus fundamentos doutrinários defendem a preservação da natureza, não apenas enquanto representante das forças elementares dos Orixás – como os povos da nação Ketu chamam; ou Inquices, quando se relacionam à nação Angola; ou Voduns, se estiverem ligados à nação Jejes – como também por interagir junto a ela, nos diversos espaços livres urbanos quando por exemplo realiza os rituais e festas, nas praias, rios, matas, pedreiras, parques urbanos, próximos a elementos da arborização urbana, ruas e encruzilhadas.

A Umbanda é também pautada na caridade, e os terreiros muitas vezes intervêm em causas sociais e promovem atividades assistencialistas, atuando na escala da cidade. Dessa forma, a intenção é buscar compreender sua relação com a produção do espaço urbano de Salvador. Partindo do levantamento dos terreiros umbandistas realizado por Araújo e Amorim (2023), pretende-se compreender como a Umbanda influenciou (e ainda influencia) no processo de formação da cidade. Ao fazê-lo, tenta-se romper com uma eventual, invisibilidade, reafirmando a identidade e o respeito à Umbanda, pelo reconhecimento dessa manifestação religiosa, de modo a combater estereótipos e preconceitos. Como isso, busca-se: (1) identificar os bairros onde se inserem; (2) entender se esses bairros são os que mais concentram pessoas negras; e (3) quais as outras relações que se estabelecem entre o terreiro (a partir das práticas que desenvolvem, além das celebrações religiosas) e o bairro ou a cidade onde se inserem.

TERRITÓRIOS AFRO-CURITIBANOS: ARQUITETURAS E ESPAÇOS DE VIDA

Murad Jorge Mussi Vaz

UTFPR muradvaz@utfpr.edu.br

Corroborando e transversalizando as noções e categorias acima apresentadas trazemos, por fim, um olhar sobre Curitiba, a “capital de todas as gentes” (Sanches, Moura, 2005) considerada modelo de planejamento urbano e de sustentabilidade que acolhe o presente evento. No entanto, historicamente, as narrativas convertidas em práticas espaciais e de planejamento urbano e arquitetônico relegaram às periferias a população preta e parda, sobretudo se consideramos as intersecções com as dimensões de raça, gênero e renda (Nascimento, 2021; Pessati, Mazivieiro, 2021). Estamos, portanto, diante de um marketing reiterado pelo planejamento urbano que continua se reinventando, amparado por políticas públicas e pela própria produção do conhecimento que não reconhece a presença afro

indígena. Temos pesquisado espaços religiosos como terreiros de umbanda e candomblé, além de movimentos e sociedades fundadas por coletivos negros (Hoshino, ano; Blum et Al., 2018; Pessati; Mazievieiro, 2021; Mendonça, 2016, 2020) reconhecendo a maciça presença de práticas, modos e epistemologias outras que constituem as arquiteturas e os territórios de vida da capital paranaense. Ainda há um vasto campo a ser explorado para que os paradigmas hegemônicos vinculados ao marketing urbano e ao racismo ambiental sejam confrontados, reconhecendo os diversos territórios de vida e suas contribuições epistemológicas e territoriais.

Referências

ARAÚJO, M. M. S.; AMORIM, N. C. R. Pontos riscados no chão: a presença da umbanda em Salvador, Bahia. **Laje**, [S.l.], v. 2, n. 1, p. 166-195, 2023. DOI:10.9771/lj.v2i0.55958. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/laje/article/view/55958>. Acesso em: 14 nov. 2024.

BLUM, C.; MOSCAL, J.; CRUZ, C.; HOSHINO, T. Lugares de Axé: notas sobre um inventário de terreiros de candomblé em Curitiba e Região Metropolitana. In: A. RAGGIO, R. B. BLEY, S. C. TRAUZYNSKI (Orgs.). **Abordagem sociológica sobre a população negra no Paraná**. Curitiba: SEJU, 2018, p. 248-272.

EZLN-CCRI. **Sexta Declaración de la Selva Lacandona**. México: Enlace Zapatista - Palabra del Ejército Zapatista de Liberación Nacional, 2005. Disponível em: <https://enlacezapatista.ezln.org.mx/sdsl-es>. Acesso em: 28 nov. 2024.

FALS BORDA, O. **Una sociología sentipensante para América Latina**. México, D. F. Siglo XXI Editores; Buenos Aires: CLACSO, 2015. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/coedicion/fborda>. Acesso em: 28 nov. 2024.

GONZALEZ, L. A. categoria político-cultural de amefricanidade. In: RIOS, F.; LIMA, M. (org.). **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, (1988) 2020c, p. 127-138.

GONZALEZ, L.; HASENBALG, C. A. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

MENDONÇA, J. M. N. Escravidão, africanos e afrodescendentes na “cidade mais europeia do Brasil”: identidade, memória e história pública. **Tempos Históricos**, v. 20, n. 1, p. 218-240, 2016.

MENDONÇA, J. M. N. Curitiba é também africana. In: M. Barracho (Org.). **Presença negra em Curitiba**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2020, p. 156-171. Disponível em: http://www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br/pub/file/pp_livro_presencanegra_web%20%281%29.pdf. Acesso em: 29 jun. 2023

NAME, L. Analítica da colonialidade e da deco-lonialidade: algumas dimensões espaciais básicas em arquitetura. **PosFAUUSP**, v. 28, n. 52, e176627, 2021.

NAME, L.; SPYER, T. Às vezes é feio, mas tá na moda! Potências, adições e limites decoloniais. **Revista V! RUS**, v. 26, n. 1, 2023.

NASCIMENTO, G. A racialização do espaço urbano da cidade de Curitiba - PR. **Geografia Ensino & Pesquisa**, 2021, v. 25, n. 24, e24. <http://doi.org/10.5902/2236499446911>.

PESSATTI, J. T. K.; MAZIVIERO, M. C. Dimensões espaciais das relações raciais: o caso de um terreiro umbandista no bairro Abranches em Curitiba. In: **Anais eletrônicos do XVI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Salvador: UFBA, 2021.

SÁNCHEZ, F.; MOURA, R. Ciudades-modelo: estrategias convergentes para su difusión internacional. **EURE**, v. 31, n. 93, p. 21-34, 2005. <http://doi.org/10.4067/S0250-71612005009300002>.

QUIJANO, A. ¡Qué tal raza! **Ecuador Debate**, n. 48, p. 141-151, 1999.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E. (org.) **La colonialidad del saber**. Eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2000, p. 201-246.

VELÁZQUEZ, M. E.; ITURRALDE NIETO, G. **Afrodescendientes en México**: Una historia de silencio y discriminación. México: Consejo Nacional para Prevenir la Discriminación, 2012.

VERÍSSIMO, C. Mozambique's Rescaled Dualistic Urbanisation: Dealing with Historical Legacies of Imperialism and Resistance. In: SILVA, C. N. (Org.) **Urban Planning in Lusophone African Countries**. Oxon: Routledge, 2016, p. 183-202.

VERÍSSIMO, C.; CUNHA, G.; AYMARA, M. Paisajismos del Sur en las barriadas de Lima, Perú. **Revista V! RUS**, v. 23, n. 1, 2021.

VERÍSSIMO, C.; PENA, J. S. ; VAZ, M. J. M. . Cidades, raça e emergências na África e na diáspora. **Laje**, v. 2, n. 2, p. 8-21, 2023.

VERÍSSIMO, C.; SANTOS, M. Paisagismo dos orixás. **Revista Epistemologias do Sul**, v. 6, n. 2, 2022.